**Introdução**

Emmanuel inicia essa lição advertindo-nos sobre a necessidade de cuidarmos da saúde espiritual tanto quanto cuidamos da saúde física. Quando somos acometidos por alguma enfermidade do corpo, prontamente buscamos os remédios para colocar nossa aparelhagem em sua condição natural.

Só que Emmanuel nos lembra que pensamentos de mágoa, rancor, antipatia e queixas são agentes que nos causam enfermidades espirituais e que exigem igualmente a medicação adequada para restabelecer nosso equilíbrio.

Quando nos encontramos doentes fisicamente, principalmente se nossas enfermidades são um pouco mais graves, para que tenhamos um tratamento bem sucedido é fundamental não nos apegarmos demasiadamente ao problema.

Emmanuel nos aconselha a adotarmos essa mesma prática nas questões da alma. Nos momentos em que se manifestarem as imperfeições morais – sejam as nossas, sejam as dos nossos irmãos – esqueçamos, relevemos. Dessa forma não causaremos perturbação ao espírito.

Por isso o perdão é abençoado recurso na manutenção da paz, do bem estar e da saúde física e espiritual.

E já que Emmanuel está associando aspectos da saúde física à aspectos da saúde espiritual, vamos fazer algumas considerações antes de nos aprofundarmos na questão do perdão do ponto de vista moral.

**Desenvolvimento**

Um erro comum que nós muitas vezes cometemos é o de falar “o meu espírito, os nossos espíritos, o espírito dele, o espírito ou dela”. Falamos do espírito como se fosse algo que possuímos, alguma coisa que existisse à parte de nós. Só que nós não temos espírito: nós somos espíritos. Esse equívoco se deve ao fato de que ainda temos muita dificuldade de nos compreendermos como seres eternos, que existem e sobrevivem além da matéria. A percepção mais forte que temos de nós mesmos ainda é a do ser material.

Quando estamos encarnados nós nos encontramos, por assim dizer, constituídos de três elementos: espírito, perispírito e corpo físico.

1. O espírito é o ser imortal, inteligente, que pensa, sente e age;
2. O perispírito é um corpo semimaterial que liga o espírito ao corpo físico. É através do perispírito que o espírito atua sobre o corpo físico;
3. O corpo físico é nossa valiosa ferramenta de trabalho que somos obrigados a abandonar por ocasião da morte.

No que diz respeito ao perispírito é preciso destacar o seguinte:

* Primeiro: ele é de natureza maleável, plástica. Adquire formas e características específicas como resultado das ações e da vontade do espírito;
* Segundo: ele funciona como um arquivo do espírito. Nele ficam registradas as consequências de tudo aquilo que fazemos, pensamos e sentimos;
* Terceiro: o perispírito continua a existir mesmo após a morte do corpo físico e permanece ligado ao espírito levando consigo esse arquivo do qual acabamos de falar.

Então, o espírito é o ser que pensa, sente e age; o perispírito é o intermediador entre o espírito e a matéria; o corpo físico é apenas um invólucro. Sendo assim, compreendemos então que não existe nenhuma doença que tenha sua origem exclusivamente no corpo físico.

Já que as consequências de nossas escolhas ficam gravadas no perispírito, tudo aquilo que fazemos, consciente ou inconscientemente e que venha a lesionar ou mesmo destruir nosso corpo físico, ficará registrado no perispírito.

Quem já leu alguma obra que descreve a situação dos suicidas no plano espiritual sabe do que nós estamos falando. O perispírito dos suicidas apresenta claramente as condições que provocaram a morte física. Por exemplo: ferimentos na região da laringe por ingestão de venenos ou corrosivos, perfurações e sangramentos no peito ou na cabeça provocados por armas de fogo etc. Mas isso não acontece apenas com os suicidas. Nossos abusos da alimentação e do sexo, o consumo de drogas, álcool e fumo, tudo isso, ainda que lentamente, danifica nosso perispírito e, consequentemente, nosso corpo físico.

Por isso que o corpo físico não é o ponto de partida mas sim, o ponto final de nossas enfermidades. O corpo físico apenas reflete uma doença que nasceu no espírito, deixou suas impressões no perispírito e por fim, exteriorizou-se nele.

Os desvios de conduta dos quais falamos são faltas que cometemos contra as Leis de Deus e que precisarão ser reparadas por nós mesmos. Se esse reajuste não puder ser feito na existência atual, terá que ser feito em existências futuras. Daí muitas vezes nos trazermos desde o berço enfermidades físicas diversas, das mais simples até as mais graves.

Por isso Emmanuel nos adverte dizendo que, da mesma maneira como não devemos conservar detritos e infecções no corpo físico, é fundamental eliminar do espírito o rancor e a aversão. Nossa incapacidade de perdoar tem sido a fonte de muitas de nossas doenças físicas e mentais.

Há pessoas que se orgulham em diz que jamais perdoarão um ofensor. Outras dizem que perdoaram mas nunca mais querem ver o ofensor pela frente. Algumas não esquecem nem minimizam as faltas cometidas contra elas. É comum que pessoas assim sofram de enxaquecas, gastrites, úlceras e, em casos mais graves, problemas cardíacos e cânceres. Às vezes a pessoa passa a vida inteira buscando a cura dessas doenças na medicina comum, sem sucesso. E isso se deve ao fato de que a sede da doença não é o corpo e sim, o espírito. Enquanto a pessoa não despertar para essa realidade, a medicação comum será apenas um paliativo para seus problemas de saúde.

Vamos agora analisar o perdão do ponto de vista moral. Saber perdoar ainda é uma de nossas maiores necessidades. Entretanto, ao longo dos séculos nossa compreensão em torno do perdão foi se alterando.

Nos primórdios dos ensinamentos morais da humanidade o perdão praticamente não era ensinado. Todos nós conhecemos a Lei de talião que se popularizou no “olho por olho, dente por dente”. Os primeiros registros do princípio da Lei de talião foram encontrados num conjunto de leis conhecido como “Código de Hamurabi” elaborado por volta de 1780 a.c. por civilizações da Babilônia, região onde hoje encontra-se o Iraque.

Aproximadamente 200 anos depois, Moisés – a primeira revelação das leis de Deus – ainda instituía a Lei de talião em meio à sociedade. E assim era necessário porque o povo daquela época carecia de uma compreensão melhor do amor e da misericórdia de Deus para conosco.

No Êxodo, segundo livro do Antigo Testamento, no capítulo 20, versículos 5 e 6 nós encontramos o seguinte:

“*Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até a milésima geração para aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos*.”

Nessa passagem nós vemos claramente uma “humanização” de Deus; um deus que se assemelha aos homens, inclusive nas imperfeições. Um deus injusto pois faria com que filhos e netos pagassem pelos erros dos pais e avós.

Essa herança de culpa é aplicada em Lameque, um descendente de Caim que, não bastasse sofrer punição pelo crime cometido por Caim, veio ele próprio, Lameque, a se transformar em assassino. E é assim que na Gênesis – primeiro livro do Antigo Testamento – no capítulo 4, versículos 23 e 24 nós encontramos referências à punição de Lameque:

“*Matei um homem porque ele me feriu e um rapaz porque me pisou. Sete vezes se tomará vingança de Caim; de Lameque, porém, setenta vezes sete*”.

Aproximadamente 1.500 anos depois de Moisés, a humanidade já havia alcançado uma certa maturidade espiritual. Por isso tivemos condições de receber Jesus – a segunda revelação das leis de Deus.

A proposta de Jesus para a humanidade foi e ainda é bem diferente daquela dos primeiros tempos: ele nos conclama ao amor, à tolerância, à fraternidade e à caridade. E com relação ao perdão, o Mestre não deixou dúvidas sobre como devemos proceder, dizendo-nos:

* “*Bem aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia*”;
* “*Perdoai para que Deus vos perdoe*”;
* “*Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra*”;
* “*Amai os vossos inimigos*”.

E quando questionado por Pedro:

“*Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?*”

Jesus respondeu:

“*Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes*”.

No Antigo Testamento nós vimos Lameque vingado setenta vezes sete vezes mas Jesus diz a Pedro para perdoar setenta vezes sete vezes. O que exatamente isso significa?

No contexto evangélico o número sete - independente dos zeros (70, 700, 7000) - é um número simbólico que representa o fechamento de ciclos do processo evolutivo, tanto em nível individual quanto em nível coletivo.

Perdoar setenta vezes sete vezes representa um princípio da Lei Divina, que indica que o perdão deve ser exercido sempre, independentemente do ciclo evolutivo que nós estejamos atravessando. Expressa uma ideia de habitualidade, de eternidade.

Quando nós não conseguimos fechar o ciclo, alcançando aquilo que seria o nosso "juízo final", estacionamos no 6, que simboliza o dia do homem. De acordo com a bíblia, foi no sexto dia que Deus criou o homem. Então o número seis representa nosso vínculo desequilibrado com as questões da matéria.

Nós precisamos espiritualizar nossas escolhas. Caso contrário, ficamos vinculados ao 6, que, repetidamente, dá 666, símbolo da besta apocalíptica, que não é demônio exterior e sim os demônios que carregamos dentro de nós.

Para que alcancemos esse grau de espiritualização Emmanuel nos aponta um dos principais caminhos: perdoar a quantos nos aborreçam, a quantos nos firam; perdoar agora, hoje e amanhã, incondicionalmente. Emmanuel ainda nos lembra que se nossos irmãos de caminhada são portadores de imperfeições e fraquezas – necessitando assim do nosso perdão – trazemos conosco nossas próprias deficiências, o que também faz de nós necessitados da tolerância e da indulgência alheias.

**Conclusão**

Emmanuel conclui a lição recordando o ato de extrema misericórdia de Jesus para conosco quando, em Seus momentos derradeiros na cruz, ainda rogou ao Pai que nos perdoasse porque não sabíamos o que estávamos fazendo. Mas Emmanuel também esclarece que com que essa atitude, Jesus deixou-nos entregues às nossas próprias consciências para que refletíssemos sobre aquele ato de extrema injustiça e crueldade cometido por nós.

Os tempos são outros mas o exemplo do Mestre não deve ser esquecido. O Espiritismo, sendo a terceira revelação das Leis de Deus, nos dá provas claras de que nossas relações com os irmãos de caminhada, sejam elas construídas com base no amor ou no ódio, não terminam com a morte física. Por isso, nossa necessidade de perdoar hoje é ainda maior do que era em outros tempos porque nosso entendimento da lei de ação e reação na vida é mais amplo.

Ainda quando nos sintamos totalmente injustiçados, feridos em nossas mais nobres intenções, sigamos o exemplo de Jesus: ofereçamos àqueles que nos tem ofendido o perdão sincero, deixando-os entregues às reflexões em torno de seus atos porque eles, tanto quanto nós mesmos, tem o direito de trabalharem na conquista da própria paz e da própria luz.